



Postos de saúde não cumprem suas finalidades

# Médicos acham falho sistema de saúde do DF

"O sistema de Saúde do Distrito Federal vem apresentando distorções em seu funcionamento, apesar de ser bem elaborado". A afirmação é de Maria José da Conceição, presidente do Sindicato dos Médicos do Distrito Federal. Maria José reconhece que o sistema de saúde do DF foi bem planejado, mas aponta uma série de falhas que estão comprometendo a qualidade de atendimento dos pacientes em todos os níveis do sistema, indo dos postos de saúde ao Hospital de Base de Brasília (HBB).

A presidente do Sindicato diz que os problemas começam nos postos de saúde que deveriam fazer um trabalho de medicina preventiva, mas estão fazendo apenas atendimento ambulatorial. Segundo Maria José, os postos de saúde foram planejados para se integrarem à comunidade onde funcionam, praticando prevenção de saúde. Mas hoje, estão apenas dando consultas, sem condições de suas equipes saírem a campo num trabalho de educação e prevenção de doenças.

As causas desta distorção, segundo Maria José, podem ser explicadas por três fatores: excesso de demanda nos postos (principalmente nos de Ceilândia e Gama), número insuficiente de médicos e auxiliares, e falta de equipamentos. Por isso, na maior parte das vezes, os médicos dos postos atendem nas 4 horas de seu turno de trabalho muito mais do que os 12 pacientes estipulados como teto máximo de consultas num mesmo dia. A presidente do Sindicato informa que existem casos de médicos que chegam a atender até 24 pacientes num turno de trabalho: "muitas vezes, o médico não tem tempo de ir ao banheiro e muito menos de

cesso de atendimento. "Aí, a bola de neve dos pacientes que não foram atendidos nos postos e hospitais regionais despenca sobre o Hospital de Base de Brasília", diz Maria José. Além dessa demanda excedente, segundo a presidente do Sindicato, os hospitais regionais e o HBB têm que atender o seu fluxo normal de pacientes, agravando a situação.

Outro ponto estrangulado, para a presidente do sindicato, são os atendimentos de emergência dos hospitais regionais e do HBB. A demanda reprimida do sistema procura no pronto-socorro um atendimento mais rápido do que está recebendo nos postos e hospitais. Por isso, diz Maria José, o pronto-socorro do HBB tem pacientes espalhados por todo lado.

Para minorar estes problemas, Maria José aponta algumas medidas que deveriam ser tomadas pela Secretaria de Saúde do DF: ampliação do atendimento de periferia, com a criação de novos postos de saúde e contratação de novos médicos e auxiliares. Com isso, a grande maioria dos pacientes teria condições de ser atendida na ponta do sistema, sem precisar procurar os hospitais regionais e o HBB. Com essa medida, segundo Maria José, os postos de saúde fariam a medicina preventiva para a qual foram criados.

Outra medida levantada por Maria José é a melhoria dos salários pagos pela Fundação Hospitalar do DF. Para a presidente do Sindicato, os salários atuais não estimulam os médicos a saírem em campo, praticando a medicina preventiva. Além disso, existem algumas especialidades médicas dentro da FHDF, como falta de médicos, porque o sa-

írio pago n-ao compensa que um neurologista, por exemplo, trabalhe meio período no Hospital de Base. "Ele prefere montar uma clínica própria ou trabalhar para hospitais particulares que pagam melhor", completa Maria José.

Para Maria José, as causas dessa demanda excessiva se encontram no aumento populacional muito rápido no Distrito Federal, e na procura de pacientes de outros Estados pelo atendimento de saúde do DF, que vem crescendo dia a dia. Maria José diz que estas pessoas saem de seus Estados porque consideram Brasília como um grande centro de saúde do País, e, além disso, a Fundação Hospitalar do DF não os classifica como indigentes, como outros sistemas estaduais de saúde os fazem.

## BOLA DE NEVE

Maria José diz que os postos de saúde não conseguem atender todos os pacientes que os procuram, gerando assim uma demanda reprimida que parte para os hospitais regionais, encontrando nestes locais o mesmo problema de ex-

lário pago n-ao compensa que um neurologista, por exemplo, trabalhe meio período no Hospital de Base. "Ele prefere montar uma clínica própria ou trabalhar para hospitais particulares que pagam melhor", completa Maria José.

## CONDIÇÕES DE VIDA

"Mas todas estas medidas são paliativas", diz a presidente do Sindicato dos Médicos. Para se resolver o problema de saúde n-ao só do Distrito Federal, mas do Brasil como um todo, Maria José aponta uma solução: melhores condições de vida para a população, melhores salários, habitação, saneamento básico e alimentação adequada. "Só assim a saúde de um povo pode melhorar. Se isso não acontecer, poderemos transformar o Brasil num grande hospital que o problema de saúde não estará resolvido", finalizou Maria José.

## Exemplo de lentidão

O Hospital Regional da Asa Norte é um bom exemplo de como o crescimento populacional do Distrito Federal é muito mais rápido e dinâmico do que o planejamento de saúde do Governo. O HRAN foi planejado na década de 60 e começou a ser construído em 1973. Nessa época, Ceilândia era quase uma "vila" e Taguatinga tinha apenas a metade da população que tem hoje. Por isso, o secretário de Saúde e a presidente do Sindicato dos Médicos do Distrito Federal concordam em que os Cr\$ 4 bilhões gastos com a obra poderiam ter sido melhor aplicados se destinados à ampliação do sistema de saúde daquelas cidades-satélites.

"Mas o HRAN está aí, e precisamos fazer o melhor proveito possível dele", diz Tito Figuerôa. Para o secretário, quando o hospital da Asa Norte for inaugurado, em novembro próximo, o Hospital de Base será aliviado, tendo a partir

desse momento condições de ser um verdadeiro hospital modelo, de base mesmo.

Maria José também tem a mesma opinião do secretário, mas acha que o HRAN deveria começar a funcionar com o atendimento de emergência, pois o pronto-socorro do HBB está estrangulado. Tito reconhece esse estrangulamento, porém, diz que o HRAN não vai ter uma unidade de emergência logo de saída, porque a Secretaria de Saúde vai estudar melhor as necessidades do futuro pronto-socorro. "Não podemos fazer uma mudança atribulada, sem sabermos exatamente o que a futura unidade de emergência precisará", diz o secretário.

Tito Figuerôa acha que a instalação de outro pronto-socorro tão perto da unidade de emergência do HBB (dois quilômetros entre um e outro) é muito arriscada. "Nem Nova Iorque nem Paris fizeram isso", completou o secretário.